

Contribuições ao estudo do processo analítico

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Resenha de Emilio e Geneviève Rodrigué,
El contexto del proceso analítico,
Buenos Aires, Paidós, 1966, 245 p.

Em 1966, Emilio e Geneviève Rodrigué publicam, pela editora Paidós, de Buenos Aires, o livro *El contexto del proceso analítico*. Trata-se de um marco importante na literatura psicanalítica, pois, nesse livro, os autores defendem que os analistas argentinos têm contribuições originais ao estudo do *proceso analítico*, ou seja, à forma de ver o que acontece no curso de uma análise. Eles destacam dois analistas que consideram um marco de referência para o grupo argentino: Enrique Racker e Enrique Pichon Rivière. Apoiados na expressão conceitual *numerosidade da relação*, de Susanne Langer, eles sublinham como muito importante o número de elementos que entram na relação analista-analisante.

Para os autores, a posição reclinada do paciente, o “anonimato” do analista, a diminuição de estímulos que origina uma situação de ligeira privação sensorial e a estabilidade espaço-temporal do contrato analítico criam uma situação quase-experimental na análise, na medida em que, como em todo experimento científico, há na sessão analítica uma diminuição do número

de variáveis intervenientes. O exame sistemático do que ocorre nessa situação é a única via de validação do conhecimento próprio da psicanálise. Os autores destacam que o tempo cronológico de uma sessão não é um critério de tal validação e postulam que a análise tem um *tempo onírico*. Eles defendem que, na sessão, se produz, então, um fenômeno de condensação e de intensificação de conteúdos, que atualiza certos ciclos básicos da biografia do paciente.

Diferenciando-se da posição de Kris e de outros analistas da escola americana, para Emilio e Geneviève uma boa sessão não é aquela na qual o próprio paciente é capaz de fazer uma síntese e tirar suas próprias conclusões, mas sim a que faz surgir um conteúdo a mais, a ser interpretado pelo analista. Consonante às idéias de Pichon-Rivière, os autores consideram que o material do paciente, a interpretação do analista e o novo material que emerge na sessão constituem três momentos visíveis de uma espiral que se desenvolve permanentemente.

Neste livro, os Rodrigué chamam a atenção para a importância do *enquadre* no processo analítico. Eles definem o enquadre como o conjunto de atividades não interpretativas que tem por finalidade manter a marcha ordenada do processo analítico. O enquadre é considerado por eles “correto” quando proporciona um mínimo de interferência na atividade associativa do paciente e interpretativa do analista. A interação associação-interpretação constitui, portanto, o cerne da relação analítica.

Segundo Emilio e Geneviève, a regularidade e o pagamento dos honorários, a obediência e a mudança de horário, a situação de começo e de final de sessão não fazem parte da relação analítica propriamente dita, mas de uma relação perianalítica que se mantém relativamente constante. Ou seja, “não são o jogo, mas as regras do jogo”. Um índice de que o tratamento marcha adequadamente é dado quando o paciente reage com grande sensibilidade a pequenas mudanças que se produzem no enquadre.

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho é psicanalista, professora titular da UNIFACS, doutora em Saúde Coletiva pela UFBA.

Os autores consideram a interpretação, então, como o instrumento principal de intervenção do psicanalista. No que diz respeito à análise de criança, revelam que o analista adota, inconscientemente, um outro estado de ânimo e de disposição perceptiva, a que denominam de *atenção lúdica*. Esse tipo de atenção requer um estado mais ativo do analista, que lhe possibilita rastrear as diferentes áreas de expressividade da criança, criando uma disposição para jogar. Emilio e Geneviève ressaltam que a atenção, seja ela flutuante (na análise do adulto) ou lúdica (na análise de criança), é parte constituinte da interpretação, já que o que se diz ao paciente está determinado pelo modo como o analista reúne o material escutado. Por isso, à atenção lúdica eles fazem corresponder uma outra modalidade de intervenção, que chamam de *interpretação lúdica*.

Emilio e Geneviève salientam que tal tipo de interpretação é constituído de dois tempos superpostos. No primeiro tempo, o analista imita o jogo da criança e, no segundo, transmite-lhe o sentido do jogo, fazendo uso dos meios não-verbais que a criança empregou. A interpretação funciona, então, como um possível estímulo para o próximo emergente do jogo. Os autores destacam que pouco se tem investigado sobre as diferenças entre a expressão verbal do adulto e a

não-verbal da criança. Apesar das dessemelhanças entre a análise de criança e a análise de adulto, o trabalho com as crianças exerce influências significativas no trabalho com os adultos, sobretudo no que diz respeito à significação extra-verbal do que o paciente expressa. Partindo da noção de contra-identificação projetiva de Grinberg, eles acrescentam que a interpretação mutativa é aquela em que se inverte o processo de indução projetiva, fazendo com que o paciente experimente aqueles aspectos seus que nega e que projeta em seu analista.

Este recorte do conteúdo do livro *El contexto del proceso analítico* revela que o trabalho de Emilio e Geneviève faz jus ao seu propósito de mostrar as contribuições que consideram originais ao estudo do processo analítico, na medida em que eles utilizam expressões conceituais inovadoras, que traduzem a forma pela qual o grupo argentino lida com os diferentes aspectos deste processo, na década de 1960. As noções de enquadre, tempo onírico, atenção e interpretação lúdica são algumas dessas inovações que, dentre outras, podem ser melhor investigadas a partir da leitura do próprio texto. O livro, mais do que relato histórico, nos faz repensar as questões concernentes ao processo analítico e nos faz relançar a busca de sinais de uma nova práxis.